



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 25/07/2025 e 31/07/2025

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
25/07/2025	9,98	267,80	56,49	5,38	3,99
28/07/2025	9,88	264,90	56,55	5,38	3,93
29/07/2025	9,81	261,70	57,54	5,29	3,89
30/07/2025	9,67	260,70	56,50	5,23	3,91
31/07/2025	9,61	261,80	55,58	5,23	3,94
Média	9,79	263,38	56,53	5,30	3,93

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	121,00	
RS – Não Me Toque	121,00	
PR – Pato Branco	120,00	
PR – M.C.Rondon	116,00	
MT – C.N.Parecis	111,00	
MS – Maracaju	122,00	
GO - Rio Verde	114,00	
BA – L.E.Magalhães	118,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	65,00	CIF
Porto de Paranaguá	64,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	60,00	
SC – Rio do Sul	63,00	
PR – M.C.Rondon	50,00	
PR – Pato Branco	56,00	
MT – C.N.Parecis	43,00	
MS – Maracaju	48,00	
SP – Itapetininga	59,00	
SP – Campinas	64,00	CIF
GO – Rio Verde	47,00	
GO – Jataí	47,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	70,00	
RS – Não Me Toque	70,00	
PR – Pato Branco	78,00	
PR – M.C.Rondon	76,00	

Período: 30/07/2025

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 31/07/2025**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	62,00	124,64	69,92

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
31/07/2025**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	66,29
Feijão (saco 60 Kg)	176,88
Sorgo (saco 60 Kg)	52,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,18
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,58**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,55

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Maio/25, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, continuaram despencando nesta última semana de julho. O bushel, para o primeiro mês cotado, fechou a quinta-feira (31) em US\$ 9,61, contra US\$ 10,04 uma semana antes. Esta é a menor cotação desde meados de dezembro do ano passado.

O clima nos EUA, para a atual safra de soja, continua muito positivo, sendo que em 27/07 havia 70% das lavouras entre boas a excelentes, após 68% na semana anterior e 67% um ano atrás. Por outro lado, naquela data, 76% das lavouras estavam em fase de florescimento e 41% estavam na fase de formação de vagens.

Já os embarques estadunidenses de soja, na semana encerrada em 24 de julho, atingiram a 409.714 toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado. Assim, em todo o atual ano comercial os embarques já somam 47,2 milhões de toneladas, 10% a mais do que há um ano.

Por sua vez, além do clima positivo, ajuda a pressionar para baixo as cotações da soja o fato de que as negociações comerciais entre EUA e China não avançaram suficientemente, na reunião do último final de semana na Suécia, especialmente no que diz respeito ao complexo soja. Para piorar o quadro, os chineses estariam reduzindo sua produção de suínos, o que limitaria o consumo e suas importações de farelo e grãos de soja (cf. Successful Farming). O excesso de suínos levou a uma deflação nos preços dos animais, com os mesmos recuando 29% desde agosto/24 no país asiático (cf. Reuters). Enfim, não há sinais de que a China voltará a comprar soja, de forma significativa, dos EUA, pelo menos enquanto durar o conflito comercial provocado por Trump. "As tarifas continuam como estão. Sobre a soja americana a tarifa é de 13%. Sem a China, os EUA vão ter que continuar revisando para baixo suas estimativas de exportação" (cf. Agrinvest Commodities).

Com isso, os prêmios no Brasil se mantêm firmes, sustentados pelo espaço que os EUA estão deixando no mercado chinês, fato que segura os preços da soja, no interior do país, nos atuais níveis. Além disso, o câmbio voltou a se aproximar de R\$ 5,60 por dólar, dentro do contexto das tensões comerciais com os EUA, o que ajuda a segurar os preços da oleaginosa. Assim, as principais praças gaúchas trabalharam com valores ao redor de R\$ 121,00/saco, embora a média local tenha chegado a R\$ 124,64. No restante do país, os preços oscilaram, nesta semana, entre R\$ 111,00 e R\$ 122,00/saco. Caso o mercado estivesse sem as atuais tensões comerciais, o preço médio no Rio Grande do Sul, diante do atual nível de Chicago, estaria em torno de 110,00/saco, ou seja R\$ 14,64/saco a menos do que a média existente neste final de julho.

Dito isso, em um movimento considerado raro pelo mercado, a Índia comprou 150.000 toneladas de óleo de soja da China, pois os chineses estão com excesso de oferta deste subproduto e passam a vendê-lo com desconto em relação aos preços do Brasil e da Argentina. As moageiras chinesas compraram muita soja enquanto a demanda interna freou. Com isso, ofereceram desconto entre US\$ 15,00 e US\$ 20,00/tonelada de óleo em relação ao produto sul-americano. Aliás, na China há excesso igualmente de farelo de soja. Além disso, para a Índia, comprar da China reduz os custos de frete pela proximidade geográfica em relação ao Brasil e a Argentina. Os envios da América

do Sul levam mais de seis semanas para chegar à Índia, enquanto os da China chegam em duas a três semanas. “Quase dois terços da demanda da Índia por óleo vegetal é atendida por meio de importações de óleo de palma, principalmente da Indonésia e da Malásia, bem como óleo de girassol e óleo de soja da Rússia e da Ucrânia, além da Argentina e do Brasil” (cf. Reuters).

E aqui no Brasil, a entressafra, os prêmios elevados e a pequena desvalorização do Real nestas últimas semanas vêm dando sustentação aos preços, como vimos. Mas os preços ainda estão, em boa parte do país, abaixo daqueles praticados um ano atrás. De fato, no final de julho de 2024, a média gaúcha era de R\$ 122,78/saco e as principais praças praticavam R\$ 124,00. No restante do país o saco da oleaginosa girava entre R\$ 118,00 e R\$ 128,00/saco no final de julho de 2024.

MERCADO DO MILHO

O bushel de milho igualmente despencou neste final de julho. O primeiro mês cotado, em Chicago, bateu em US\$ 3,91 no dia 30/07, sendo esta a mais baixa cotação para esta posição desde 13/09/2024. O fechamento da quinta-feira (31) acabou ficando em US\$ 3,94/bushel, contra US\$ 4,01 uma semana antes.

Dito isso, no dia 27/07 havia 73% das lavouras estadunidenses do cereal em boas ou excelentes condições, contra 68% no mesmo período do ano passado. Por sua vez, naquela data, 76% das lavouras estadunidenses de milho estavam em embonecamento, contra 77% na média. Já em enchimento de grãos havia 26% das lavouras contra 24% na média histórica.

Em paralelo, os EUA embarcaram, na semana encerrada em 24/07, um total de 1,5 milhão de toneladas de milho, ficando o volume acima das expectativas do mercado. Com isso, o total já exportado, no atual ano comercial, chegou a 60,3 milhões de toneladas, ou seja, 29% acima do registrado no mesmo período do ano anterior.

E no Brasil, os preços do milho continuam com viés de baixa devido a pressão da safrinha recorde e de exportações que não deslançam. Neste momento, segundo analistas privados, 53,3% da área da segunda safra estaria colhida, contra 77,3% na mesma época do ano passado e 57,7% na média histórica (cf. Pátria AgroNegócios).

Os baixos preços estão levando os produtores a segurarem o milho, retardando as vendas, porém, esse movimento apenas evita que os preços recuem com maior rapidez. Entretanto, entre 30/08 e 30/09 vencem muitos contratos de custeio, o que obrigará o produtor a vender mais produto, pressionando ainda mais os preços.

Já no Centro-Sul brasileiro a colheita atingia a 68% da área da safrinha, contra 91% um ano atrás (cf. AgRural), enquanto no conjunto do país, segundo a Conab, esta colheita atingia 66,1% até o dia 27/07, contra 70,1% na média histórica.

Mesmo com atraso na colheita, a segunda safra do cereal brasileiro deverá atingir a 123,3 milhões de toneladas. Considerando a safra de verão e a terceira safra, efetivamente se desenha uma produção total de milho, no país, ao redor de 150 milhões de toneladas, em um recorde histórico. Somente a safrinha deverá crescer

quase 20% sobre o ano anterior, sendo ela batizada, no momento, de “mãe de todas as safrinhas”. Em tal contexto, dificilmente os preços do cereal irão subir nos próximos meses e, talvez, até mesmo no próximo ano, caso 2026 seja positivo para a produção das novas safras.

MERCADO DO TRIGO

A cotação do trigo, para o primeiro mês, em Chicago, voltou a recuar nesta semana. O bushel do cereal fechou a quinta-feira (31) em US\$ 5,23/bushel, contra US\$ 5,41 uma semana antes.

Neste contexto, nos EUA, a colheita do trigo de inverno atingia, no dia 27/07, a 80% da área semeada, contra 81% na média histórica. Já o trigo de primavera estava com 1% da área colhida, contra 3% na média histórica. As condições das lavouras deste último trigo se apresentavam com 49% entre boas a excelentes, 33% regulares e 18% entre ruins a muito ruins.

Por outro lado, os embarques de trigo, por parte dos EUA, atingiram a 288.793 toneladas, ficando abaixo das expectativas do mercado. Com isso, no atual ano comercial, as exportações totais de trigo já atingem a 3,3 milhões de toneladas, ou seja, 6% a mais do que no mesmo período do ano passado.

Enquanto isso, na Austrália, as chuvas de julho melhoraram as condições das lavouras de trigo, permitindo esperar uma produção final de 33 a 34 milhões de toneladas, contra uma expectativa anterior de 30,6 milhões. Com isso, a pressão sobre os preços internacionais do cereal deve aumentar, em um momento que os mesmos já estão baixos. Tais preços, na tendência futura, já estão próximos de seus níveis mais baixos desde 2020. Lembrando que nos últimos cinco anos, a produção anual média de trigo, na Austrália, foi de 33,8 milhões de toneladas, contra 21,4 milhões nos cinco anos anteriores.

E aqui no Brasil os preços continuaram estáveis, com um viés de baixa no Paraná. No Rio Grande do Sul o produto permaneceu em R\$ 70,00/saco nas principais praças, enquanto a média, pela primeira vez depois de muito tempo, veio a R\$ 69,62/saco. E no Paraná, o preço médio em algumas regiões recuou para R\$ 76,00/saco (Marechal Cândido Rondon, por exemplo), enquanto em outras o mesmo se manteve nos R\$ 78,00/saco.

Enfim, enquanto o plantio se encerrou no Sul do Brasil, regiões do Centro-Oeste e de Minas Gerais já iniciaram a colheita.